

Noémio Ramos

Esta *contradição fundamental*, escapou ao autor do *Enquiridion*, senão a muitos dos mentores da Reforma, mas é a parte essencial do *Auto da Alma*, e a Alma como o Anjo, o da Espada (a espada do espírito = *Sagradas Escrituras*), deverão levar na mão o *Enquiridion* e a *Bíblia*, respectivamente.

Outro resumo do mythos do Auto da Alma

O *Auto da Alma* figura na *acção dramática* duas realidades complexas: (1) a realidade da época, os factos históricos; e (2) a realidade da luta ideológica criada por (a) um desenvolvimento previsível dado pela concretização real da interpretação alegórica da parábola, a Igreja, e (b) a enorme aceitação social – e não só entre as elites – dos preceitos ideológicos apresentados no *Enquiridion*, ou seja, a libertação da *Graça Divina*, o individualismo, a liberdade de pensamento, a liberdade de interpretar as *Sagradas Escrituras*. Todavia, para a sobrevivência da Instituição impõe-se o desejo do Poder baseado no conhecimento do Homem e da Sociedade, da política estabelecida, o saber discernir e decidir pelo bem comum (do cristão). Impõe-se a necessidade de tomar resoluções sociais e políticas bem fundamentadas pela experiência da antiguidade romana no passado.

E fundindo aquelas realidades numa figuração muito especial, com a *acção no espaço e tempo* da Corte de Júlio II, (e da Corte Portuguesa, como veremos), Gil Vicente faz um retrato do espaço e tempo Europeu onde se confrontam as ideologias dominantes no século xvi – mais tarde a Reforma e Contra-Reforma – pois, estão já em pleno curso de divulgação duas perspectivas de reforma da Instituição: (1) as ideias expostas por Erasmus, doutrinando a livre interpretação da Bíblia ou, dito de outro modo, a *Graça fora da Igreja*, com um *Corpo de Cristo* espiritual, onde Cristo é a Cabeça e em que os seus membros são os cristãos, como em São Paulo, *o ovo que Lutero chocará*; e (2) a ideia de uma Igreja Poderosa e Majestosa, imperial e romana, projectada por Júlio II, onde o *Corpo de Cristo* se encontra também, mas melhor na hóstia consagrada, pois foi já concretizada a aliança, casamento de Cristo e Igreja, onde a Cabeça é a Santa Madre Igreja, *Omnium Urbis et Orbis Ecclesiarum Mater et Caput*.

A presença de Erasmus nas obras de Gil Vicente

Nós não resistimos a avançar desde já parte da informação sobre alguns outros autos de Gil Vicente. São dados que, com toda a certeza, ajudarão a uma melhor compreensão do que acabamos de expor, e assim situar melhor os reflexos da obra e das posições políticas e ideológicas de Erasmus em alguns dos autos que fazem parte daquilo a que chamamos a *saga de Erasmus*. Na verdade, não há que procurar o pensamento de Erasmus – aquilo que consideramos hoje o seu legado, – na obra de Gil Vicente, pois os autores são coetâneos.

Na época, a obra de Erasmus está em construção a cada momento, tal como a Arte de Gil Vicente. Vamos encontrar nos autos o reflexo de publicações, atitudes, ou ideias de Erasmus que Gil Vicente considerou mais importantes, ou que tiveram então um maior impacto político ou social, mas nunca um *erasmismo*.

Auto da Alma de Gil Vicente, Erasmo, o Enquiridion e Júlio II...

Sobre o conceito *erasmismo*, voltaremos a fazer algumas considerações quando apresentarmos a análise dos autos em que tal questão é tratada por Gil Vicente, que não aqui, pois o *erasmismo* ainda não existe nestes anos do *Auto da Alma*, em 1507. Erasmus caracteriza-se agora pela obra que mais o marcou, e cujo pensamento se reproduzirá noutras, caracteriza-se pelo *Enquiridion*.

Um muito breve e incompleto sumário.

Queremos deixar um testemunho evidente da nossa interpretação do *Auto da Alma*, que podendo parecer demasiado ousada, tememos que esteja aquém dos objectivos do autor. Gil Vicente apresenta nas suas obras uma *visão do mundo* mais profunda, bem mais avançada e filosófica que a do religioso Roterodamus. E o testemunho é dado pelo próprio autor dos autos, em *Floresta de Enganos*. Porém, antes, para uma melhor compreensão vejamos como Gil Vicente nos mostra Erasmus em obras que, como estas, *Alma* e *Floresta*, lhe são *quase* inteiramente dedicadas, havendo outras em que a sua *intervenção* é também importante.

Geert Geertsen, ou Gerrit Gerritszoon, que em português seria **Gerardo filho de Gerardo**, por sua própria vontade procurou uma versão latina para o seu nome, rebuscando no latim e no grego as palavras mais a seu gosto para uma suposta tradução, adoptando o nome de Desiderius Erasmus Roterodamus, o que Gil Vicente traduzindo para o português, pôde estabelecer também a partir das formas do latim e grego: Desiderius, *desejo*, Cupido, Amor; Erasmus, de Eros, *ser amado*, Amor. Torna-se então evidente que os autos que lhe são mais inteiramente dedicados são *Frágua do Amor* (ou *de Amores*), *Nau de Amores* e *Jubileu de Amores*, e poderíamos ainda falar de um *Triunfo de Cupido* (1531), se acaso existissem mais referências que o pudessem caracterizar.

Considerado perdido, o *Auto Jubileu de Amores* foi representado em Bruxelas ao imperador Carlos V em Dezembro de 1531, e dele poderão ter desaparecido todas as cópias, supostamente destruídas pela Inquisição, a não ser que nos segredos proibidos do Vaticano, ou em algum espólio de Erasmus ou noutra qualquer reduto de papéis velhos, se pudesse encontrar uma cópia, pois há uma lenda antiga dizendo que Erasmus queria estudar a língua portuguesa para poder ler Gil Vicente. Na verdade, não podemos determinar de que trata este Auto, mas com toda a certeza que também trata de Erasmus e do tema de uma das suas últimas publicações (de 1529, 1530 ou 1531 – tratado de *Algerus* e do seu prefácio aceitando a hóstia e a Eucaristia?), e ou do seu jubileu, da *sua reforma* da doutrina cristã? Todavia, podemos concluir que este título não corresponde a nenhum dos autos até hoje conhecidos de Gil Vicente, nem a nenhum dos autos anónimos que conhecemos.

Floresta de Enganos contém uma grande e última homenagem a Erasmus, sem deixar de evidenciar uma visão crítica. Foi possivelmente escrito ao aproximar da sua morte (que embora se possa admitir que possa ser um pouco posterior à morte de Erasmus, isso parece-nos menos provável pelo próprio *mythos* do auto), e tal como o *Auto da Alma* trata um conteúdo que se relaciona com o *Enquiridion*.

Acompanhando desde o seu início a produção teórica de Erasmus (*Adágios*), em *Frágua do Amor* (1525) Gil Vicente, entre outros temas, trata também do *livre arbítrio*, um tema de 1524 em Erasmus, e em *Nau de Amores* (1527) trata do conceito de liberdade, e da luta que se torna necessário empreender para se obter ou

Noémio Ramos

conquistar a *liberdade* de pensamento e expressão, tal como Erasmus terá exposto em *Hiperaspistes* em 1526, obra de Erasmus que ainda desconhecemos.

Em 1521 Gil Vicente, exceptuando o amor à liberdade que lhe reconhece, ainda mantém uma certa crítica em relação ao pensamento de Erasmus, que trata em *Rubena*, de rubro como a cor do poder na Igreja, ou de rubro de *vergonha*. Tinha então o autor do Auto evidenciado uma certa simpatia por Lutero, com Cismena, com o *cisma* previsível que está provocando, figurando nela a *Graça divina* – a *liberdade de pensamento* do *Auto da Alma* – a *Graça* de interpretar, e o seu príncipe da Síria (Lutero), um criado de, da criação de Felício, o autor do *Enquiridion* e dos *Adágios*, que se conduz ele próprio à inacção, ao suicídio por amor da liberdade de pensamento, por amor de Cismena, ouvindo o eco de si próprio – o ovo *que Lutero vai agora chocar*, pois com Cismena, é Lutero quem passa a dirigir a luta pela liberdade de pensamento e sua expressão.

Mais tarde Gil Vicente mostrará a sua revolta contra Lutero e, depois dos *Hiperaspistes*, dirige também o seu ataque ao *servo arbítrio e predestinação* em *Serra da Estrela*, onde o Ermitão (Lutero) faz os casamentos em conformidade. Mais brando em *Romagem dos Agravados*, onde Lutero é Frei Paço, presidindo a uma cerimónia da Igreja Protestante, o *servo arbítrio* manifesta-se pelo *conformismo e resignação...*, o que as *regateiras* não aceitam. Erasmus em *Romagem* é Frei Narciso, que *prega a generosos príncipes...*, pois *não há de ter uma mula para andar sempre xula, xula*. Embora o nosso trabalho de investigação e estudo nos permitisse descrever o *mythos* de cada um dos autos, porque consideramos que há um enorme trabalho ainda a desenvolver com a escrita e aprofundamento das análises, não pretendemos *levantar* mais os véus que os encobrem a todos.

Em 1525, em *Frágua do Amor*, Gil Vicente é especialmente crítico em relação às ideias de Erasmus (mais que no *Auto da Alma*): Cupido dispõe de uma máquina que, com a sua ajuda (Deus) e *livre vontade* das pessoas, as pode mudar de acordo com o elas quiserem, pela *vontade e livre arbítrio*, é uma figuração de *Sobre o livre arbítrio*, (Erasmus 1524). Neste auto, a crítica de Gil Vicente é arrasante, pois a mudança humana não depende apenas da *decisão e vontade* das pessoas, ou de cada um, como se pode constatar pelo Negro que se quis tornar *branco como o ovo da galinha*, saiu da Frágua de facto branco, mas falando como um negro, e assim, teria preferido continuar como era. A *brincadeira* do autor vai muito mais longe, pois o auto não trata apenas de Erasmus, nem apenas dos indivíduos.

Em 1527, *Nau de Amores*, revela então o total apoio às novas ideias de liberdade que Erasmus expõe em *Hiperaspistes* (de 1526), ideias que fizeram tremer os mais poderosos – as ideias que provocaram uma reunião de sábios em Valladolid, para avaliar se Erasmus não deveria ser entregue à Inquisição – o que se vai revelar na acção do Auto, e se especifica muito sumariamente nos versos de Gil Vicente: *tengo de cobrar primero / la ventura en mi poder / que pueda hacer lo que quiero. – Tenho que colocar primeiro o destino nas minhas mãos para que possa fazer o que quero*. Fala aqui o Príncipe da Dinamarca que se desloca a Lisboa de propósito, em busca daquela que é *a mais famosa* pela sua lucidez, Lúcida Fama:

*Dícenme que para haber
esta Fama, por quien muero,
tengo de cobrar primero*

140

Auto da Alma de Gil Vicente, Erasmo, o Enquiridion e Júlio II...

*la ventura en mi poder,
que pueda hacer lo que quiero.*

E esta mesma questão, melhor identificada por este último verso: *que pueda hacer lo que quiero*; será pouco mais tarde, cinco anos depois, em 1532, utilizada por Rabelais, como uma norma para a educação, *Crónicas de Pantagruel*. Se queremos algo, mas não o conseguimos alcançar, será porque não somos livres? *A liberdade não me deveria assegurar que eu possa fazer o que quero?* O que na linguagem de Gil Vicente já tinha obtido uma resposta, pois *Tenho que colocar primeiro, o destino em meu poder, o destino nas minhas mãos...* Lutar por isso, para *que possa fazer o que quero*. Lutar pela liberdade.

Apesar disso, Erasmus e o *Hiperaspistes*, não constituem *as peças* fundamentais de *Nau de Amores*, são apenas o recurso possível, porque o principal, que faz parte do auto como elemento fundamental do seu *mythos*, é proibido, é negado ao autor e ao príncipe da Dinamarca, o principal está em Lisboa, pertence-lhe, e só o seu rei lhe pode dar. Deixemos este Auto extraordinário para uma outra ocasião, pois cada um dos autos merece que lhe dediquemos uma publicação. E os melhores autos de Gil Vicente, os mais Belos, são sem dúvida os do reinado de João III.

Finalmente, em *Floresta de Enganos*, além das personagens da apresentação, o filósofo e o parvo, sobre os quais já nos pronunciámos, cabe aqui mostrar como é que Gil Vicente apresentando Erasmus figurado em Cupido, resume a actividade do religioso de Roterdão ao longo de toda a sua vida, incluindo no *mythos* deste Auto uma acção que traduz as consequências que, na Europa, as *lutas ideológicas* provocadas pelas suas obras vieram a determinar. O seu título, leva-nos, pois, à origem da questão dos *enganos ideológicos*, o *engano* de Erasmus a que já nos referimos – a *contradição fundamental*, da livre interpretação da Bíblia, contra a interpretação exegética da parábola do bom samaritano – é pois, um título retirado do *Enquiridion*, mas antes recordemos o verso especial de Gil Vicente, no *Auto da Alma*, nas palavras, dirigidas à Alma (talvez melhor ao público) pelo Mundo, o Diabo: *Que não vos hei de enganar*. E em Erasmus: *toda a vida dos mortais não é mais que uma militia, (...) que a maior parte da gente anda enganada, pois o mundo enganador tem embargado os seus pensamentos com enganos lisonjeiros...*

Como o *Auto da Alma* e os autos que antes citámos, esta peça é complexa, vamos deixar a análise da forma mais completa do seu *mythos* para quando apresentarmos o nosso estudo de *Floresta de Enganos*. Fomos encontrar neste auto, uma *outra* das suas *aparentes* peças aí incluídas, que pelo *argumento* que Gil Vicente apresenta, se trata do *segundo engano*, o de Cupido – a *contradição fundamental*, o *engano de Erasmus* – que se vai desenvolver no decorrer da *acção* e, este *argumento*, como toda *acção dramática* do auto, é o melhor testemunho para confirmar a nossa interpretação do *Auto da Alma*. É uma figuração do *engano* de Erasmus, decorrido desde o *Enquiridion* até ao fim da sua vida. Eis aqui como o Mercador o apresenta na visão esclarecida de Gil Vicente.

*Vamo-nos, que vem Copido
cometer o mor engano
que nunca foi cometido.*

260

*Em o qual,
mostra o amor natural
que a Grata Célia tem,
porém, vereis que do bem
às vezes se segue o mal.* 265

No argumento em prosa já constava este engano, contudo, não tão carregado de força, como por estes versos com que o anuncia o Mercador.

El segundo engaño será que siendo Copido enamorado de la princesa Grata Celia la cual era hija del rey Telebano, rey de Tesalia, por lo cual siendo Grata Celia hija deste rey y señora de la más excelencia y estremada hermosura del mundo, no pudiendo Copido haber con ella lugar solitario, ni tiempo oportuno, descanso de su angustiada vida, determinó de engañar al dios Apolo por que el dios Apolo engañase al rey Telebano. Y el rey Telebano engañado del dios Apolo llevó Grata Celia engañada a la sierra Minea, adonde con grande angustia su padre la dexó desterrada y presa, y cuando Copido hubo alcanzado y hecho su engaño descendió del cielo a la tierra donde presa estaba y fue della engañado dos veces...

É necessário ler *Floresta de Enganos*, para concluir o argumento.

Veamos muito sucintamente parte de *Floresta*, este mundo enganador:

Grata Célia, ou Graça dos Céus, figura neste auto a *Graça divina*, ou com origem no *Enquiridion*, a *liberdade de pensamento*, a possibilidade de interpretar a Bíblia. El-rei Telebano, seu pai, figura o Papa, chefe do Estado Pontifício, e a mãe é Igreja de Roma. O poder papal está preocupado com o seu Templo de Apolo (a Basílica, tal como no auto *Templo de Apolo*) e o seu domínio do mundo. Apolo, filho de Júpiter, é a figuração de Cristo visto pela renascença pagã.

Após o *Enquiridion*, Cupido sabe que erra, mas há que sarar o dano produzido, pelo que o seu Mundo triste de agora, é um *Templo de Engano*, ainda que consciencie que não é só o seu Mundo que engana, pois há uma grande rede de enganos.

*Yo bien sé que erro, ahora,
mas, es por sanar un daño...
Perdóname mi señora,
que el mundo triste de agora
se llama Templo de Engaño.* 380

Cupido foi enganado por este mundo, como padre enamorado pela *Graça Divina*, pretende possui-la, pretende a liberdade de pensamento, a *Graça*, a liberdade de interpretar – Erasmus no *Enquiridion* – e para o conseguir engana Apolo com o seu Templo, o Templo como *corpo de Deus* e o seu corpo *Templo do Espírito*, em vez de uma Igreja Instituição, – *Templo de Engano*, a *contradição fundamental* – para que Apolo engane Telebano com a destruição do seu Templo (a Madre Igreja), se este não levar Grata Célia para fora, – a interpretação das *Escrituras* fora da Igreja – e enganado Telebano, a pretexto de perder o seu Templo, – *Templo de Engano*, para Telebano o Templo é a nova Basílica – engane Grata Célia.

Apolo convence Telebano que, para salvar o seu Templo (Basílica), teria de levar Grata Célia à serra Minea (que aqui em *Floresta*, figura a Europa, Alemanha). Grata Célia, a *Graça Divina*, é agora para Telebano (mais um engano), uma figu-

Auto da Alma de Gil Vicente, Erasmo, o Enquiridion e Júlio II...

ração da necessidade de angariar o dinheiro necessário para a construção da nova Basílica de São Pedro, que se traduz, entre outras coisas, pela venda de indulgências. Grata Célia figura então, para Telebano, a *Graça* de perdoar os pecados.

Preso na serra Minea, Grata Célia engana Cupido, pois constitui o perdão dos pecados vendido aos poderosos – aí é repescada por Lutero aos quinze anos (1517), como Cismena em Rubena (15 anos depois da publicação do *Enquiridion*) – e é assim que Cupido a vai encontrar presa em conflitos contraditórios com o pai. Aproveitando o amor à liberdade de Erasmo, Grata Célia requer que o demonstre, convencendo Cupido a defender, lutar e sacrificar-se por ela. Enganado, Cupido prende-se por ela, prometendo manter-se nessa prisão. Erasmo demonstra a sua fidelidade à ideia da liberdade individual, em *Sobre o livre arbítrio*.

Preso, Cupido só pensa em libertar-se, figurando um balancear de posição, habitual por toda a vida de Erasmo. Surge então o *engano* do povo – a grande divulgação das suas obras e a manipulação religiosa das populações – que, ouvindo dizer que também ele pode ambicionar o amor de Grata Célia, que também ele tem o poder de decidir, e das riquezas que pode alcançar, e sobretudo por saber que se pode ver *livre* de todas as suas *tristezas*. Assim cairá preso por Erasmo (as revoltas populares na Alemanha, os doze pontos dos camponeses) o *pastor rústico*, embriagado e deslumbrado com o seu amor à liberdade de pensamento, o amor a Grata Célia, mas sem saber para que lhe serve, nem como se servir de tal dama.

O povo *enganado* na sua prisão é transparente, como se tivesse perdido a sua existência, pois não o ouve Grata Célia nem Cupido, a sua voz é silenciada, fala apenas para o ar, diga o que disser ninguém o ouve, nem mesmo suplicando.

Quando Grata Célia retorna à serra Minea e vê Cupido livre da *sua* prisão, protesta. Erasmo expressa a dívida à *liberdade de pensamento*, o amor a Grata Célia. Porém, porque é o oposto àquilo que defende não se pode ver preso – não se quer preso a coisa ou a ideia alguma – senão preso a ela. O povo mantém-se preso, até Grata Célia, por caridade se compadecer dele e pedir a Cupido que o liberte. Na concepção de Erasmo – *Enquiridion* – o povo deve estar na dependência ou nas mãos de alguém, do senhor feudal, do rei, etc..

Cupido vai ficar preso para sempre (pensamos ser a figuração do silêncio, ou morte próxima de Erasmo, com o seu *engano*). Morto, porque *a luta* não passa por ele: *No soy preso, mas soy muerto!* Mais uma vez, vai ser enganado por Grata Célia, pois manifesta o seu amor a uma verdadeira liberdade de pensamento, com o poder de interpretar e de exprimir, pois por Grata Célia, Cupido tudo aceita.

São os textos *Hiperaspistes*, nos quais Erasmo mantém e alarga as suas ideias sobre a liberdade do indivíduo poder pensar por si próprio e interpretar, que provocam a Conferência da Inquisição em Valladolid para análise das suas ideias, prendendo-se pois Cupido para sempre a Grata Célia. Contudo, faltará algo que tornaria mais compreensível a acção de *Floresta de Enganos*, falta o *Jubileu de Amores*.

A última intervenção de Cupido evidencia bem a sua falta de firmeza, que era visível por muitos outros à sua volta mas que nunca passou pela sua consciência. As atitudes que tomou ao longo de toda a sua vida sempre lhe pareceram as mais correctas, nunca reparou que, por vezes, aos outros lhes parecia que balanceava entre as posições que tomava. Assim, quando Grata Célia lhe contesta: *que Amor que não tem fé, não pode morrer de amores*. Cupido responde: *Porque não creis nas minhas dores, que o meu mal claro se vê*.

Copido	<i>Señora, y este vuestro preso, sin remedio, ha de morir?</i>	1140
Grata Célia	<i>Y por qué? Que amor, que no tiene fe, no puede morir de amores...</i>	
Copido	<i>Por qué no creis mis dolores? Que mi mal claro se ve...</i>	1145

A peça não se resume ao engano de Cupido, nem a Erasmus unicamente. Terminado este encaixe, conclui logo a seguir o seu próprio *mythos*, onde a Ventura se apresenta como uma figura determinante, no futuro da liberdade. O Príncipe funciona neste auto como o Príncipe de Síria em *Rubena*, e como outros, no final de outras peças, é a *utopia* de Gil Vicente. Em *Floresta de Enganos*, o Príncipe transporta em si o humor e o saber do Povo, pela voz da Ventura, como muito bem notou Maria João Brilhante, no estudo publicado pela Quimera Editores. Pois prosseguindo o que expõe em muitos outros autos, Gil Vicente na sua última obra, coloca o Povo – como Príncipe – como a entidade capaz de dirigir e conduzir o Homem, na perspectiva de alguma vez vir a alcançar uma verdadeira liberdade.

É de algum modo interessante ter em consideração que esta descrição não anula o trabalho de análise elaborado anteriormente, quando esse trabalho de análise se manifesta com o rigor capaz de traduzir a expressão sentimental com a lógica da trama, manifestada pelas personagens do auto, pois essa expressão deve completar as descrições que de forma sumária aqui deixamos. O estudo de Maria João Brilhante, que atrás referimos, parece-nos ser um desses casos, e pode ser o ponto de partida a um necessário complemento, a este nosso sumário. Nesse estudo, a autora demonstra a incongruência de algumas das críticas feitas a Gil Vicente, por pessoas que foram incapazes de realizar uma leitura da obra do dramaturgo.

Parece-nos pois, que também o *Auto da Alma*, como muitos dos outros *Autos* de Gil Vicente, possui todos os ingredientes para poder ser considerado uma das grandes obras-primas do teatro Europeu da Renascença, pois o Auto além figurar e documentar exactamente a Europa do seu século, evidencia muito claramente toda a luta ideológica que se inicia. Antecipando-se em muitos anos aos acontecimentos mais sanguinários das lutas entre as duas visões do mundo, a *reforma* e a *contra-reforma*, a luta ideológica do século xvi, numa obra criada entre 1506 e a data da sua primeira representação em 1508.

3 – A Custódia de Belém no Auto da Alma

Templo do Corpo de Deus

Uma forma também subtil de utilização da parábola está ainda presente na sua leitura exegética, para a qual Gil Vicente nos chama a atenção com a intervenção de Agostinho, lembrando que o seu significado não está directamente no significado literal, mas *no seu significado alegórico: pelo sentido que é dado, mais pelo*